

Éder José Guedes Lucas Diniz

**ANÁLISE DAS FINALIZAÇÕES NO FUTSAL FEMININO NAS
OLIMPÍADAS ESCOLARES BRASILEIRAS 2010**

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional - UFMG

2011

Éder José Guedes Lucas Diniz

**ANÁLISE DAS FINALIZAÇÕES NO FUTSAL FEMININO NAS
OLIMPÍADAS ESCOLARES BRASILEIRAS 2010**

Monografia apresentada ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Educação Física

Orientador: Pablo Juan Greco

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional - UFMG

2011

RESUMO

Ao longo do tempo o futsal conquistou popularidade no cenário nacional e internacional. Além de possuir um grande valor social, o futsal pode também ser considerado um veículo de integração entre pessoas (TEIXEIRA, 1979). Atualmente, é o esporte que possui mais praticantes no Brasil (VOSER, 2003; VOSER, GIUSTI, 2002). No esporte de alto nível de rendimento, o desempenho de uma equipe depende de um elevado grau de desenvolvimento de vários parâmetros, como físicos, técnicos, táticos e psicológicos (GARGANTA, 1997). Assim sendo, Garganta (1998) diz que “treinadores estão cada vez mais recorrendo à observação e análise de jogo, com a intenção de determinar variáveis para aperfeiçoamento das suas equipes”. O presente estudo tem o objetivo de realizar um diagnóstico do nível de rendimento técnico-tático das finalizações de equipes femininas escolares sub.17 no cenário nacional. Foram analisadas 254 ações de finalização. Observou-se que houve um aproveitamento de 6,69% da amostra, totalizando 17 gols em 254 finalizações. A defesa obteve sucesso em 64,17%, entre defesas da goleira e interceptações. Houve uma tendência para finalizações de curta e média distância, com 61,03% do total, assim como para a forma do chute, que obteve um valor de 53,60% para o Dorso do Pé. Apesar dos resultados encontrados, são necessárias novas pesquisas sobre o tema em questão, utilizando maiores amostras e variações entre faixa etária e gênero.

Palavras chave: Futsal. Finalização. Análise de jogo. Análise notacional.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Classificação dos esportes (MORENO, 1994)	10
FIGURA 2: Classificação dos jogos (READ E EDWARDS, 1992)	11
FIGURA 3: Sub-categorização dos jogos de invasão, (HUGHES; BARTLETT, 2002).	12
FIGURA 4: Alguns fatores que contribuem para o sucesso nos jogos de invasão (HUGHES e BARTLETT, 2002).	12
FIGURA 5: trajetória rasteira.	14
FIGURA 6: trajetória meia-altura.	14
FIGURA 7: trajetória parabólica (Cavada).	14
FIGURA 8: trajetória alta.	14
QUADRO 1: Capacidades táticas no futsal (Adaptado de Souza, 2002)	17
FIGURA 9: Interação do processo de análise do jogo com o treino e o desempenho (GARGANTA, 1997).	23
QUADRO 2: Diferenciação entre análise notacional e seqüencial (SOARES, 2008).	24
QUADRO 3: Descrição geral dos dados do estudo	29
QUADRO 4: Valores Percentuais em Relação à Execução	30
QUADRO 5: Valores de Percentual em Relação à Forma de Execução	30
QUADRO 6: Valores em Percentual do Número Contatos Precedentes a Ação de Finalização	31
QUADRO 7: Valores Percentuais em Relação à Circunstância da Finalização .	32
QUADRO 8: Valores Percentuais em Relação ao Setor de Finalização	32
FIGURA 11: Campograma com os valores percentuais de finalização em cada setor	33
QUADRO 9: Valores Percentuais em Relação aos Resultados das Finalizações	33
QUADRO 10: Valores Percentuais em Relação à Trajetória da Finalização	34

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. JUSTIFICATIVA.....	8
3. OBJETIVOS.....	8
3.1 Objetivo Geral.....	8
3.2 Objetivo Específico	8
4. REVISÃO DE LITERATURA	9
4.1 Futsal.....	9
4.1.1 A inclusão do futsal no contexto dos Jogos Esportivos Coletivos	9
4.2 Finalização.....	13
4.2.1 Técnica e finalização.....	13
4.2.2 Tática e finalização.....	15
Quadro 1: Capacidades táticas no futsal (Adaptado de Souza, 2002).....	17
4.2.2.1 Situações de finalização	18
4.2.2.1.1 Jogo organizado.....	18
4.2.2.1.2 Contra-ataque	19
4.2.2.1.3 Bola Parada	20
4.2.2.1.4 Goleiro-linha.....	21
4.2.2.1.5 Jogador expulso.....	22
4.3 Análise de jogo	22
Quadro 2: Diferenciação entre análise notacional e seqüencial (SOARES, 2008).	24
5. MATERIAIS E MÉTODOS	25
5.1 Amostra	25
5.2 Instrumento.....	25
Variáveis.....	26

5.3 Procedimentos.....	27
5.4. Análise dos dados	28
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	29
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS / RECOMENDAÇÕES PARA A PRÁTICA.....	35
8. REFERÊNCIAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

Discorrer sobre a origem do futebol de salão, é percorrer um labirinto cheio de interrogações, muitas vezes, sem respostas precisas à falta de documentos esclarecedores. Lamentavelmente não há consenso acerca da invenção do futsal (VOSER, 2001) (citado por Souza 2002).

Atualmente existem duas versões diferentes para explicar o seu surgimento. Na primeira delas, o futebol de salão começou a ser jogado na década de quarenta por membros da Associação Cristã de Moços, em São Paulo. Havia, na região, uma dificuldade de se encontrar campos de futebol livres, então começaram a jogar nas quadras de basquete e hóquei. Inicialmente, jogavam com cinco, seis ou até mesmo sete jogadores. A bola era feita de um material que permitia que ela quicasse muito, portanto seu peso e suas dimensões foram alterados para que esta não saísse muito do campo de jogo. A segunda versão defende que o esporte foi inventado em 1934 na Associação Cristã de Moços de Montevidéu, Uruguai, pelo professor Juan Carlos Ceriani, que o chamou de “Indoor-foot-ball” (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTSAL, 2010).

Ao longo dos seus curtos anos de vida o futsal conquistou popularidade no cenário nacional e internacional. Além do valor social, intrínseco aos esportes, o futsal pode também ser considerado um veículo de integração entre pessoas (TEIXEIRA, 1979). Sendo praticado por milhares de pessoas no mundo todo, além de ser gerenciado pela FIFA, ele já é o esporte que possui mais praticantes no Brasil (VOSER, 2003; VOSER, GIUSTI, 2002).

No alto nível de rendimento, no futsal, assim como em qualquer esporte coletivo, o desempenho de uma equipe, ou de um atleta depende de um elevado grau de desenvolvimento de vários parâmetros, sendo eles: físicos, técnicos, táticos e psicológicos (GARGANTA, 1997).

A partir dessas características, vários pesquisadores têm estudado a importância do comportamento tático do jogo (BAYER, 1986), demonstrando que os acontecimentos de uma partida dependem de inúmeros fatores, tornando assim difícil de identificar um motivo específico para o resultado final das mesmas.

Dessa forma, Garganta (1998) diz que “a procura pelo conhecimento e compreensão da modalidade e de cada elemento desta que determina o resultado final da competição, motiva treinadores e pesquisadores recorrerem à observação e análise de jogo, com o intuito de identificar, quantificar e determinar variáveis para um aperfeiçoamento técnico-tático das suas equipes”.

2. JUSTIFICATIVA

A realização do presente estudo se justifica pela importância da análise de jogo na preparação e no desempenho de uma equipe de alto nível. Considerou-se também a escassez de pesquisas em relação à análise de jogo no futsal, principalmente quanto ao gênero feminino.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Realizar um diagnóstico do nível de rendimento das equipes escolares de futsal feminino no âmbito nacional.

3.2 Objetivo Específico

Analisar, os aspectos técnico-táticos das finalizações ocorridas nas semi-finais, disputa de terceiro lugar e final do futsal feminino sub.17 das Olimpíadas Escolares Brasileiras de 2010, ocorrida na cidade de Goiânia, Goiás, utilizando análise notacional.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1 Futsal

O futsal é um esporte praticado oficialmente em uma quadra com dimensões de 25-42 metros de comprimento por 15-25 metros de largura. Em competições nacionais, nas categorias Adulta, Sub.20, Sub.17 e Sub.15 femininas, o mínimo é de 36 metros de comprimento por 18 metros de largura. As equipes são compostas por 12 atletas, sendo cinco efetivamente dentro de quadra e sete suplentes, com número ilimitado de substituições. O tempo de jogo para as categorias Adulta, Sub.20 e Sub.17 femininas é de 40 minutos, sendo divididos em dois tempos de 20 minutos cada, com intervalo de até 10 minutos (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTSAL, 2010).

Nas fases finais de um campeonato, o desempate pode ser feito através das penalidades máximas. Nesse caso, serão cobradas cinco penalidades máximas por equipe de forma alternada. Persistindo o empate, a execução das penalidades persistirá até que uma das equipes obtenha a vantagem no número de tentos a partir de um mesmo número de cobranças (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTSAL, 2010).

4.1.1 A inclusão do futsal no contexto dos Jogos Esportivos Coletivos

O futsal, assim como outros esportes, possui características comuns e diferentes que o inclui como modalidade dentro dos Jogos Esportivos Coletivos (JEC's). De acordo com Bayer (1986), são fatores comuns a todas as modalidades esportivas coletivas: a bola, o espaço, o objetivo do jogo (gol, ponto, etc.), o regulamento (tempo de jogo, delimitações do campo de jogo, número de jogadores, formas permitidas de jogar / lançar / rebater a bola, características da bola formas de comportamento perante o adversário, punições e penalidades), colegas, adversários, público e situação.

Para Greco (1998), os Jogos Esportivos Coletivos possuem uma noção de confronto e de colaboração, ou seja, momentos de oposição pelos adversários e de colaboração dos colegas.

Garganta (1998) complementa afirmando que há elevada variabilidade, imprevisibilidade e aleatoriedade das ações, no qual duas equipes em confronto, mas com objetivos comuns, disputam para administrar em proveito próprio, o tempo e o espaço, realizando em cada momento ações (ataque – defesa) sustentadas em relações de oposição – cooperação.

Segundo GRECO (1998), as ações de cada atleta variam de acordo com a situação ambiental (placar do jogo, jogo em casa ou fora, jogador a mais ou a menos na equipe, etc.) relacionadas com os objetivos do jogo.

Finalmente, de acordo com a abordagem do Teaching Games for Understanding (TGfU), a partir da ocupação do espaço de jogo, o futsal é classificado como um jogo de invasão territorial (HOPPER; BELL, 1999).

Quanto à classificação do futsal dentro dos Jogos Esportivos Coletivos, Moreno (1994) propõe a seguinte divisão, como demonstrado na Figura 1.

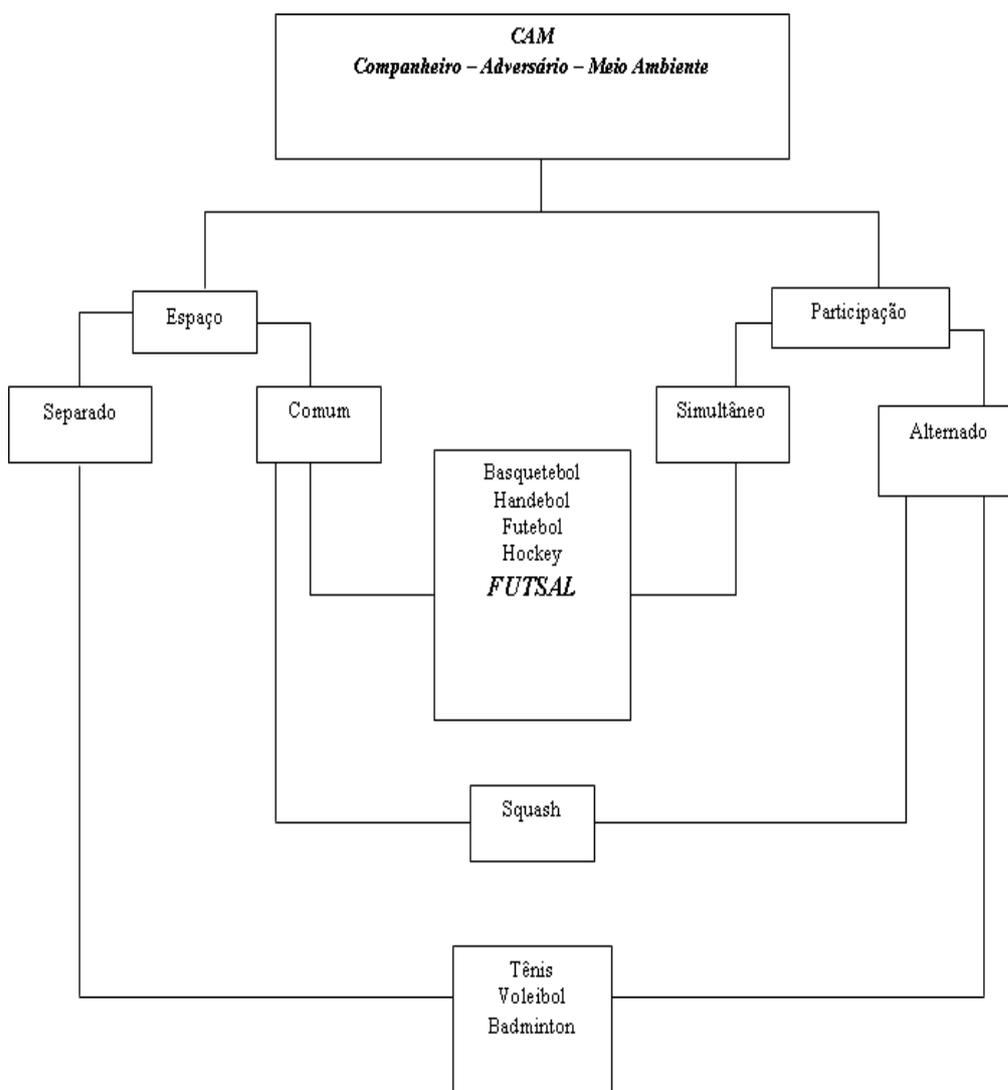


FIGURA 1: Classificação dos esportes (MORENO, 1994)

Pode-se perceber, pela análise da figura, que Moreno (1994) classifica os esportes de cooperação / oposição em três grupos. O primeiro é formado por esportes cuja ação se desenvolve num espaço separado e com a participação sobre a bola de forma alternada. No segundo estão aqueles esportes onde o espaço é utilizado por ambas as equipes, mas a ação é feita de forma alternada. No terceiro e último grupo se encontram os esportes onde o espaço é comum para as duas equipes, sendo a ação sobre a bola feita de forma simultânea. O futsal pertence ao terceiro grupo, sendo então classificado como esporte onde o espaço é comum e a participação é simultânea.

Para Read & Edwards (1992), primeiramente deve-se classificar os esportes quanto a regra de marcação de pontos ou das formas que uma partida é finalizada, como mostra a Figura 2.

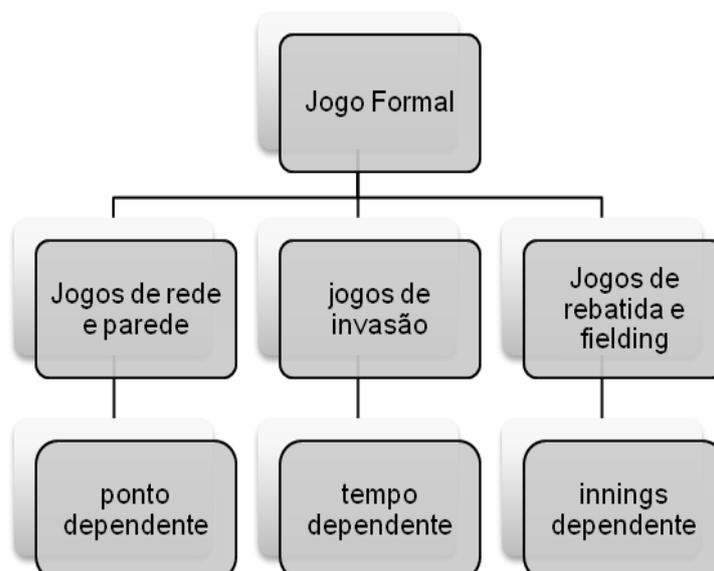


FIGURA 2: Classificação dos jogos (READ E EDWARDS, 1992)

Posteriormente, essas classes devem ser analisadas quanto a suas diferenças e similaridades. A Figura 3, a seguir, define as subdivisões dos esportes de invasão. As regras de cada esporte são utilizadas como parâmetros para essa classificação:

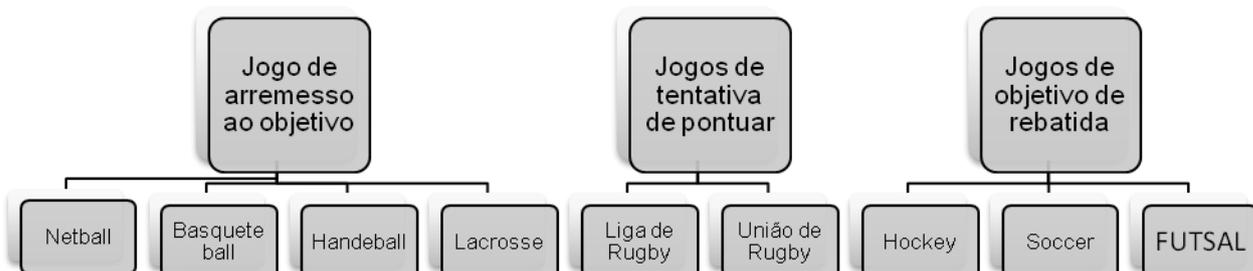


FIGURA 3: Sub-categorização dos jogos de invasão, (HUGHES; BARTLETT, 2002).

A partir da sua classificação nos JEC's, percebe-se que o futsal possui vários indicadores do desempenho esportivo. Hughes & Bartlett (2002) demonstram na figura seguinte os indicadores de desempenho do futebol, que podem ser aplicados para o futsal ou outro esporte coletivo, devendo apenas alterar a nomenclatura para o esporte em questão:

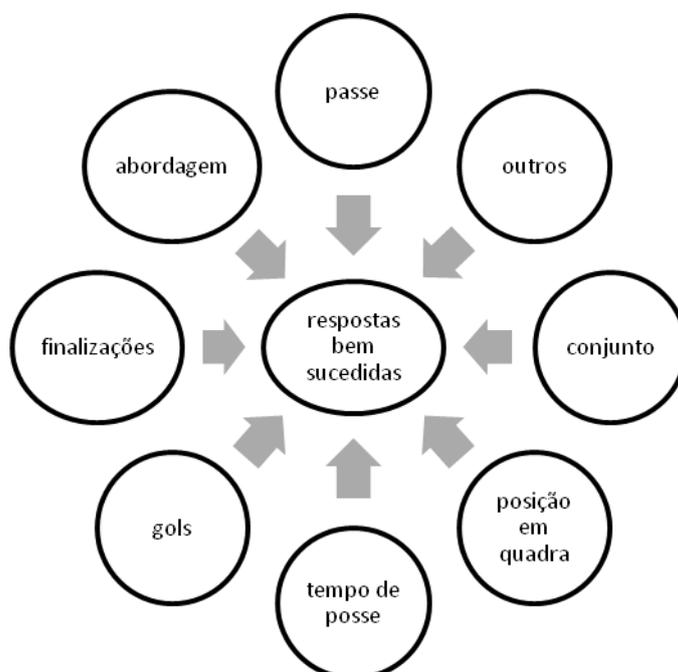


FIGURA 4: Alguns fatores que contribuem para o sucesso nos jogos de invasão (HUGHES e BARTLETT, 2002).

4.2 Finalização

Para Mutti (2003), a maioria das finalizações numa partida de futsal acontece realizando a técnica de chute ao gol adversário. Voser (2003) define a finalização com os pés como sendo a impulsão dada à bola com um dos pés, tendo como objetivo o gol adversário. Já Ferreira (2002) afirma que chute é a ação de golpear a bola, visando desviar ou dar trajetória a mesma, encontrando-se ela parada ou em movimento. De acordo com Mutti (2003), chute é uma ação técnica onde o jogador necessita um maior controle da força e direção aplicadas à bola. Portanto, pode-se perceber que a finalização é um importante indicador de desempenho no futsal, pois é a partir dela que se chega ao objetivo do jogo: fazer gols.

4.2.1 Técnica e finalização

As técnicas representam os instrumentos que os jogadores possuem para solucionar as tarefas/problemas que eles encontram nas diferentes situações proporcionadas por uma partida de futsal, ou seja, são os meios utilizados para alcançar um objetivo (SOUZA; LEITE, 1998). A partir dessa idéia, Ferreira (2002) propõe um modelo sobre aspectos da técnica que devem ser observadas durante um chute no futsal, para que o mesmo obtenha sucesso:

- A posição do pé oposto ao de chute – pois o mesmo oferecerá a base de sustentação do peso corporal no momento do chute.
- A parte do pé que toca a bola no momento do chute – podendo dar características distintas de força e precisão.
- O posicionamento do joelho da perna de chute – pois favorece ou não a potência do chute.
- O equilíbrio ideal do corpo no momento do chute – onde o tronco e a cabeça equilibram a massa corporal favorecendo o movimento.

Já Santos (2000) considera as diferentes fases do movimento na análise do chute:

- “A corrida para o chute poderá ser em trajetória diagonal, reta ou com trocas de direção.
- A velocidade da corrida em direção a bola para o chute deverá ser crescente, sempre que possível, a última passada, antes do contato com a bola, deve ter

maior amplitude, facilitando a alavanca da perna de chute e favorecendo a produção de torque.

- No momento do contato com a bola, a perna de chute realiza uma alavanca de trás para frente, possibilitando uma melhor execução.
- A perna de apoio, colocada ao lado da bola, deverá estar firme, levemente flexionada, sustentando o peso do corpo, com os braços soltos lateralmente, visando facilitar o equilíbrio;
- No momento do chute ou milésimos de segundos antes, o atleta deverá olhar para a meta adversária e, principalmente, o posicionamento do goleiro, para que a direção dada à bola seja fora do alcance do mesmo.

Quanto à trajetória da finalização, Voser (2003) propõe que ela pode ser feita de forma rasteira, meia altura, parabólica ou alta, de acordo com as figuras à seguir:

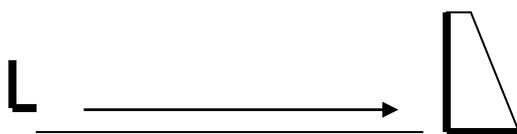


FIGURA 5: trajetória rasteira.



FIGURA 6: trajetória meia-altura.

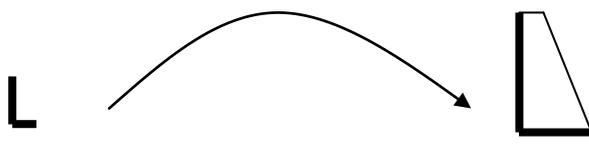


FIGURA 7: trajetória parabólica (Cavada).

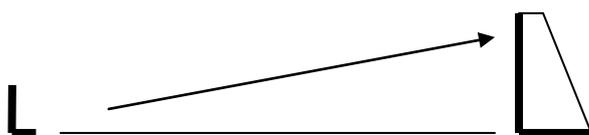


FIGURA 8: trajetória alta.

Quanto à forma de execução, Ferreira (2002) classifica a finalização em quatro formas diferentes, são elas:

- *Bico do pé* - utilizada quando a intenção inicial é dar velocidade a bola e quando a mesma encontra-se movimentando para frente;
- *Parte interna do pé* - favorece a precisão do chute;
- *Parte externa do pé* - quando o objetivo é colocar efeito ao chute;
- *Dorso do pé* - favorece aliar a força (potência) e a precisão ao chute.”

Além dessas formas, Ferreira (2002) indica outras partes do corpo que podem ser utilizadas para finalizar a bola ao gol, como: cabeça, calcanhar, coxa e peito, sendo o cabeceio uma importante ação no futsal atual, pois é recorrente o uso da mesma para passar, interceptar ou mesmo direcionar a bola para a meta adversária.

4.2.2 Tática e finalização

A tática é uma forma de resolução dos problemas que o atleta enfrenta durante o jogo, através de um ato orientado e consciente, visando a um objetivo específico. Ela permite ao atleta utilizar de maneira apropriada todos os recursos permitidos nas regras específicas das modalidades esportivas, para tornar possíveis as suas ações e limitar as ações do adversário. Todas as ações realizadas pelos atletas estão condicionadas pelo parâmetro situacional, constituindo-se o trio tempo-espaço-situação (SOUZA, 2002). Um comportamento tático correto implica em uma tomada de decisão em relação a situação em que o atleta se encontra, escolhida entre várias alternativas de ação.

“Como o espaço de jogo é comum aos jogadores das duas equipes, na execução das ações existe uma pressão de tempo para resolução dos problemas e tarefas de jogo. Por isso, o atleta deve saber inter-relacionar e organizar informações inerentes às situações de jogo, que incluem as seguintes decisões: o que fazer (objetivo), quando fazer (momento), onde fazer (espaço) e como fazer (forma)” (PAULA; GRECO; SOUZA, 2000).

Sendo imprescindível para o sucesso durante uma partida de futsal a capacidade tática, Greco (1995), a classifica relacionando 2 aspectos: a função do jogador e característica da ação.

Função: são as ações do atleta na situação de ataque ou defesa, originadas pela posse ou não da bola.

Característica: diz respeito ao número de atletas envolvidos na ação, sendo individual, de grupo ou coletiva.

- a) Individual: quando um jogador, em uma determinada situação de jogo, visa com sua ação isolada atingir um objetivo. No futsal, pode ser exemplificado pela sua capacidade de saber quando utilizar um chute, drible ou passe em uma situação de ataque, para resolução de um problema.
- b) Grupo: ações coordenadas entre 2 ou no máximo 3 jogadores, através de um aplicação de uma seqüência de técnicas individuais visando um objetivo comum. Por exemplo, seria a utilização de um cruzamento ou tabela, visando finalizar ao gol adversário.
- c) Coletiva: ações simultâneas, envolvendo 3 ou mais jogadores, conforme um plano de ação geral pré-estabelecido em relação ao objetivo visado. No futsal, por exemplo, seriam as chamadas “infiltrações do lado contrário ao pivô”, em que todos os jogadores envolvidos executariam ações simultâneas visando uma organização que permitisse a um jogador boas condições de finalizar. A classificação pode ser observada no QUADRO 1:

C A R A C T E R Í S T I C A S D O C O M P O R T A M E N T O T Á T I C O	FUNÇÃO		
	DEFESA	ATAQUE	GOLEIRO
	INDIVIDUAL	INDIVIDUAL	INDIVIDUAL
	<ul style="list-style-type: none"> • Marcação à distância; • Acompanhamento; • Antecipação; • Abordagem; • Desarme. 	<ul style="list-style-type: none"> • Quando: passar, chutar, driblar, conduzir e receber; • Desmarcação; • Levar marcação, abrindo espaços. 	<ul style="list-style-type: none"> • Situações padronizadas: <ul style="list-style-type: none"> - Ex: penalidade máxima, escanteio, tiros livres com ou sem barreira; • Quando realizar: empunhadura, espalmar, saída do gol, lançar e queda lateral.
	GRUPO	GRUPO	GRUPO
	<ul style="list-style-type: none"> • Troca de marcação; • Flutuação; • Cobertura; • Ajuda; • Balanço defensivo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tabela; • Bloqueio; • Cruzamento; • Corta-luz. 	<ul style="list-style-type: none"> • Distribuição de tarefas nos tiros livres com barreira, cobrança de arremessos de laterais e de canto em relação ao colega de linha de passe ou chute; • Saída de bola e/ou início de contra-ataque. • Opção ofensiva.
COLETIVA	COLETIVA	COLETIVA	
<ul style="list-style-type: none"> • Quanto ao tipo: <ul style="list-style-type: none"> - Individual; - Zona; - Misto. • Quanto ao espaço: <ul style="list-style-type: none"> - Meia-quadra; - Meia-pressão; - Pressão no homem da bola; - 1-2-1; - Meio aberto; - 1-1-2. • Bolas Paradas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Jogo posicional ou sistemas de jogo: <ul style="list-style-type: none"> - 2-2, 2-1-1, 3-1, 1-3, 4-0; • Jogo com câmbio de formação; • Tática de contra-ataque; • Infiltrações com o pivô no lado contrário; • Utilização do pivô; • Bolas paradas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Uso ou não do contra-ataque; • Posição frente ao ataque da própria equipe (como líbero no 1-3); • Comportamento frente a situações especiais: <ul style="list-style-type: none"> - pressão; - superioridade numérica; - inferioridade numérica; • Adaptar-se ao sistema defensivo; • Distribuição de tarefas nos tiros livres com barreira; • Opção ofensiva através de um posicionamento pré-determinado (goleiro-linha). 	

QUADRO 1: Capacidades táticas no futsal (Adaptado de Souza, 2002).

4.2.2.1 Situações de finalização

Diversas são as situações durante uma partida de futsal que propiciam a finalização. Nesse estudo serão considerados: jogo organizado, contra-ataque, bola parada, goleiro-linha e jogador expulso.

4.2.2.1.1 Jogo organizado

O jogo organizado pode ser definido como sendo uma forma racional e planejada de aplicar um sistema de jogo, a fim de tirar vantagens de todas as circunstâncias da partida e obter resultados nas manobras realizadas (MUTTI, 2003). O objetivo do jogo organizado é causar um desequilíbrio no sistema defensivo do adversário, aumentando as possibilidades de uma equipe alcançar o objetivo do futsal, que é o gol.

Dentre os vários sistemas de jogo, serão considerados nesse estudo os sistemas 2-2, 2-1-1 e 3-1.

2-2

Esse é o sistema mais utilizado na iniciação, pois possui baixo grau de dificuldade e possibilita um equilíbrio de membros da equipe nas regiões defensiva e ofensiva da quadra, já que ele é caracterizado pelo posicionamento de dois jogadores na região defensiva da quadra e dois jogadores na região ofensiva (MUTTI, 2003).

2-1-1

De acordo com Saad e Costa (2001), esse sistema é uma variação do sistema 2-2, utilizado contra uma marcação pressão, onde dois jogadores se posicionam na defesa, próximos a área de meta, um próximo ao meio da quadra e um na quadra adversária. Muito utilizado nas saídas de bola, com a intenção de executar alguma movimentação pré-estabelecida.

3-1

Esse posicionamento é, para Mutti (2003), uma evolução do sistema 2-2, onde um dos atacantes recua de seu posicionamento atacante para dar maior consistência no início das jogadas ofensivas da equipe. Nesse caso, observa-se a divisão da equipe em três funções: fixo (beque), ala e pivô. De acordo com Mutti, (2003), esse posicionamento favorece a execução de uma série de ações ofensivas, sendo mais utilizada em equipes com jogadores mais habilidosos.

Algumas movimentações, deslocamentos, trocas de posições de forma planejada, organizada e padronizada, podem ser denominadas “padrão de jogo” e tem por objetivo desestabilizar a marcação adversária para conseguir realizar uma finalização (VOSER, 2003). Dentre os utilizados, esse estudo irá considerar o “padrão Redondo” e o “padrão de Beirada”.

O Padrão redondo é caracterizado pela movimentação simultânea dos quatro jogadores de uma equipe em forma de um círculo (MUTTI, 2003). São movimentações que favorecem os passes “cavados” em profundidade e as jogadas pela lateral da quadra. O padrão de Beirada caracteriza-se pelo jogador da ala passar a bola geralmente para o fixo e movimentar-se em diagonal para receber um futuro passe em profundidade. O pivô realiza uma troca de posição, ocupando o espaço deixado pelo jogador que executou o passe, criando outra possibilidade para o companheiro que esta com a posse de bola (MUTTI, 2003).

4.2.2.1.2 Contra-ataque

O contra-ataque é um momento de transição da defesa para o ataque, de acordo com SANTANA (2004), e deve ser realizado com a maior velocidade possível para uma maior efetividade (VOSER, 2003). Esse mesmo autor divide o contra-ataque em duas possibilidades: direto, quando iniciado a partir de uma defesa do goleiro e deste para um jogador da sua equipe, que finalizará contra o gol adversário; indireto, caso a bola seja roubada e haja troca de passes antecedendo à finalização.

Para que um contra-ataque seja considerado eficiente, alguns princípios devem ser respeitados, como, por exemplo: quando não houver a possibilidade clara

e segura de passe, a bola deve ser conduzida em velocidade em direção à meta adversária, assim dificultando o retorno defensivo do adversário; quando houver a possibilidade de passe este deve ser realizado de maneira precisa, de forma que a bola ultrapasse a linha de marcação do adversário, fazendo com que o mesmo não consiga retornar na marcação; os dribles, sempre que possível, devem ser evitados, pois reduzem a velocidade do contra-ataque; e todos os contra-ataques devem ser finalizados com chutes a gol, para que a possibilidade de sofrer uma resposta adversária seja praticamente anulada (SANTANA, 2004).

4.2.2.1.3 Bola Parada

As jogadas de bola parada estão sendo muito utilizadas atualmente no futsal, pois de acordo com Sampedro, 1997, são os momentos mais claros de chances de finalização. Podem ocorrer nas seguintes situações: Bola de saída, tiro lateral, tiro de canto e tiro livre, este podendo ser direto ou indireto.

Bola de saída

A bola de saída acontece quando se começa ou recomeça uma partida, como no início do jogo ou quando a equipe sofre um gol. De acordo com Cid (1995), é importante, durante a bola de saída, abrir os espaços para a finalização, porque normalmente as equipes iniciam a partida ligeiramente relaxadas na marcação, propiciando um momento ideal para ser ludibriada.

Tiro lateral

Apesar de não ser permitido pela regra o gol marcado diretamente pela cobrança do tiro lateral, essa situação possui algumas características que favorecem uma finalização, como a distância mínima de 5 metros em relação à bola no momento da cobrança. Para Voser, 2002, deve-se considerar a região da quadra em que se está realizando o tiro. Aqueles que acontecem na região ofensiva podem resultar uma finalização mais facilmente.

Tiro de canto

O tiro de canto possui as mesmas características do tiro lateral, exceto pelo fato que no tiro de canto é permitido a finalização direta para o gol.

Os tiros de cantos são situações bem favoráveis para realização de jogadas combinadas, com movimentações padronizadas. Geralmente são utilizadas com frequência e com bom percentual de sucesso (SAMPEDRO, 1997).

Tiro livre

Entende-se, de acordo com as regras do esporte, por tiro livre direto aquela cobrança de falta em que é permitido o gol sem a bola ser tocada pelo menos por dois jogadores. No caso do tiro livre indireto, a bola deve ser tocada pelo menos por dois jogadores para que o gol seja válido.

Quando é marcada uma falta (pontapé livre direto ou indireto) com direito a formação de barreira, nenhum jogador da equipa adversária poderá estar a menos de cinco metros da bola (SAMPEDRO, 1997).

Quando uma equipe comete mais do que 5 faltas em um tempo, é concedido ao adversário o chamado “tiro de 10 metros”, que é o tiro livre direto sem a formação de barreira. Este deve ser direcionado ao gol adversário.

4.2.2.1.4 Goleiro-linha

Com a evolução da tática defensiva do esporte, houve a necessidade dos goleiros desenvolverem as capacidades necessárias para o jogo ofensivo, como passe, finalização, condução e até mesmo o drible. Essa situação permite à equipe atacante a situação de superioridade numérica, o que facilita a ocorrência de uma finalização.

Já para Saad e Costa (2001) esse tipo de manobra ofensiva é utilizada normalmente quando a equipe está em desvantagem no placar e a partida esta próxima do fim. Apesar disso, algumas equipes utilizam esse tipo de manobra como padrão de jogo, ou seja, durante grande parte de tempo dentro da partida.

4.2.2.1.5 Jogador expulso

De acordo com as regras do esporte, a equipe que sofrer a expulsão de um jogador fica durante dois minutos com um atleta a menos em quadra, a não ser que durante esse tempo o adversário marque um gol. Passados os dois minutos, um outro jogador, que não seja aquele que foi expulso, tem a permissão de entrar e voltar a igualdade numérica.

A equipe que estiver com superioridade numérica deve manter a calma e ter paciência em suas ações, pois a pressa pode resultar erros de passe (VOSER, 2003).

4.3 Análise de jogo

Durante grande parte da história dos esportes, o processo de observação e análise de jogos se baseava em relatórios, scouts e planilhas de registro comportamentais, que eram preenchidas de forma manual. Com o avanço tecnológico, como o uso de filmadoras e softwares, esses processos passaram a se apoiar em meios computadorizados, que aceleram e possibilitam um aprofundamento da análise de dados, tornando-a mais confiável (TAVARES, 2007).

A análise de jogo refere-se ao estudo de situações do esporte por meio da observação do comportamento de atletas e equipes dentro do campo de jogo, tendo surgido como produto da especialização e aplicação das áreas de conhecimento relacionadas ao esporte (GARGANTA, 2001). Ainda de acordo com Garganta (2001), a partir da década de trinta aumentou-se consideravelmente a realização de estudos nessa área.

Na literatura, essa prática é referenciada a partir de diferentes denominações, dentre as quais se destacam: observação do jogo (*game observation*), análise do jogo (*match analysis*) e análise notacional (*notational analysis*) (GARGANTA, 2001).

Para Garganta (2001), hoje em dia dispõe-se de uma vasta gama de meios e métodos de análise de jogo, que foram aperfeiçoados ao longo dos anos, possibilitando aos treinadores e pesquisadores aumentarem seus conhecimentos acerca do jogo e melhorarem, assim, a qualidade dos seus jogadores e equipes.

Os estudiosos das diferentes modalidades esportivas têm procurado compreender a diferença de desempenho dos jogadores e das equipes, com o objetivo de identificar os fatores que determinam significativamente o resultado das ações táticas individuais, de grupo e coletivas (ANGUERA, 2000). Para HUGHES & FRANKS (1997), a informação obtida a partir da análise do comportamento dos jogadores durante treinos e competições é considerada uma das variáveis que mais afetam a aprendizagem e a eficácia da ação desportiva.

Para Garganta (1997), a análise de jogo possibilita: interpretar as ações e a organização dos jogadores e das equipes na competição, planificar e organizar o treino e as estratégias de trabalho de forma eficaz e específica, estabelecer planos táticos adequados a determinado adversário e regular o processo de ensino-aprendizagem-treinamento (Figura 9).

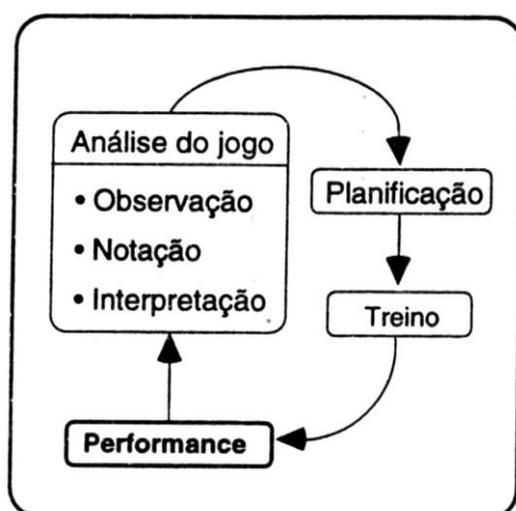


FIGURA 9: Interação do processo de análise do jogo com o treino e o desempenho (GARGANTA, 1997).

De acordo com ANGUERA (1999), atualmente são utilizadas duas formas de análise de jogo: análise notacional e análise seqüencial. Soares, 2008 apresenta um quadro que as diferencia uma da outra (QUADRO 2).

	NOTACIONAL	SEQUÊNCIAL
COMO	manual; computadorizada	computadorizada (com programas específicos tais como SDIS e GSEQ)
O QUE	aspectos técnicos; comportamentais; físicos; táticos	relações, associações ou dependências de unidades de conduta (eventos ou intervalos de tempo sucessivos)
QUANDO	antes, durante, depois do evento	pós evento
QUEM	equipes ou jogadores (por posição, ação, tempo...)	equipes; jogadores; treinadores; docentes; etc
APRESENTAÇÃO DOS DADOS	tabelas, gráficos, vídeos; representações espaciais; reconstruções 2D	principalmente tabelas de contingência multidimensionais
ESTÁGIOS FORMATAÇÃO	informações necessárias; criar a grelha; checar a precisão dos dados; apresentação dos achados	informações necessárias normalizar dados sequenciais (SDIS) descrever e analisar dados sequências (GSEQ)
	para revisão, ver Carling, C., Williams, M., <i>et al.</i> (2005)	para revisão, ver Bakeman e Quera 1996); ver também Anguera (1999)

QUADRO 2: Diferenciação entre análise notacional e sequencial (SOARES, 2008).

A análise seqüencial aparece como uma das maneiras de analisar o jogo e referencia um conjunto de técnicas que visam demonstrar as relações, associações e dependências seqüenciais entre unidades de conduta. A análise notacional por sua vez pode ser compreendida como uma solução à análise e codificação objetiva de situações ocorridas em um jogo que podem ser ordenados posteriormente (HUGHES, 1993; CARLING *et al.*, 2005).

Taylor, James, *et al.* (2002) valorizam a análise notacional no que tange a transcendência da subjetividade por parte dos treinadores, entendendo tal observação como uma coleta objetiva de informações que podem ser utilizadas para promover o feedback do desempenho da equipe no auxílio do trabalho de treinadores e atletas. Já análise seqüencial referencia um conjunto de técnicas capazes de confrontar unidades de conduta às suas relações, associações ou dependências seqüenciais. Através desta análise consegue-se prever alterações de comportamento em função de ocorrências prévias identificadas (MENDO, 1999).

5. MATERIAIS E MÉTODOS

5.1 Amostra

A amostra do presente estudo consiste em 4 jogos da fase final do futsal feminino sub.17 nas Olimpíadas Escolares de 2010. Duas semi-finais, disputa de terceiro lugar e final. Estavam envolvidas 4 equipes escolares, que representaram seus respectivos estados: Santa Catarina, São Paulo, Pará e Ceará. Foi analisado um total de 254 ações de finalização.

5.2 Instrumento

Como instrumento de coleta de dados, de maneira sistematizada foi utilizado uma planilha de scout adaptada de Gomes e Fagundes (2007), objetivando uma maior fidelidade das análises das finalizações.

e) Contatos – nesta variável foram levados em consideração os contatos para a finalização, podendo ser classificados em: direto (sem dominar a bola), com dois contatos, três contatos ou mais de três contatos.

f) Situação da finalização – foi considerada a circunstância pela qual a equipe utilizou-se para chegar à finalização na meta adversária, sendo consideradas as seguintes situações: jogo organizado, contra-ataque, bola parada, expulsão do adversário e o goleiro linha (5x4).

g) Trajetória da finalização - variável esta que consta a trajetória que a bola tomou após o contato considerado como finalização a meta adversária, sendo: rasteira, meia altura e alta.

h) Resultado - esta variável foi classificada de acordo com o resultado da finalização, podendo ser: gol, bola fora alto, fora lateral, trave, defesa do arqueiro e interceptação da defesa.

- Gol – assinalado quando após um chute a bola ultrapassa inteiramente a linha da meta, entre as balizas da mesma.

- Bola fora alto - considerado quando após uma finalização a bola passa por uma altura acima do travessão da meta, não sendo tocada por nenhum defensor.

- Fora lateral - quando após a finalização, a bola sem tocar nenhum defensor, sai para o lado direito ou esquerdo do gol adversário.

- Trave – sendo classificada assim quando após uma finalização a bola toca a trave ou o travessão adversário.

- Defesa do goleiro – quando após uma finalização a bola é tocada pelo goleiro adversário, podendo tocá-la para qualquer direção ou segura-la firmemente.

- Interceptação – classificação adotada quando após a ação da finalização do atacante a bola é interceptada por qualquer um defensor, não deixando a bola chegar à meta do goleiro (GOMES E FAGUNDES 2007).

5.3 Procedimentos

A técnica de observação utilizada foi a centrada no jogo.

Todos os jogos foram realizados no mesmo local, no Goiás Esporte Clube, na cidade de Goiânia. Os jogos foram gravados numa mesma posição da quadra pelo examinador.

5.4. Análise dos dados

Os dados foram tabulados e tratados utilizando-se o *software* SPSS for Windows® versão 17.0. Foi utilizada uma estatística descritiva, composta por distribuição de freqüência.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram analisadas as quatro partidas da última fase das Olimpíadas Escolares de 2010, do futsal feminino sub.17. Os dados encontrados serão apresentados e discutidos, com base nos aspectos técnicos e táticos das finalizações, como setor da quadra em que a finalização ocorreu, número de contatos na bola, forma com que se realizou o contato, entre outros.

Número de jogos	4
Número de finalizações	254
Número de gols	17
Efetividade	6,69%

QUADRO 3: Descrição geral dos dados do estudo

Como pode ser observado no Quadro 3, foram registradas ao longo dos quatro jogos 254 finalizações, com um total de 17 gols marcados. Esse número representa 6,69% de efetividade nas finalizações. No estudo de Nunes (2004), foi encontrado um valor de 11,55% de aproveitamento nas ações de finalização, baseando-se em uma amostra de sete jogos do Campeonato Brasileiro de Seleções, categoria juvenil, de 2002. Já Backes (2007) realizou um estudo comparativo entre o aproveitamento das finalizações executadas por atletas da categoria adulta e juvenil em 20 jogos do Campeonato Brasileiro de Seleções de 2005, no qual encontrou para a categoria juvenil um percentual de aproveitamento de 11,69% das finalizações e para a categoria adulta esse percentual foi de 6,27% de aproveitamento.

Execução	Nº	%
Pé direito	173	68,12%
Pé esquerdo	77	30,31%
Cabeça	4	1,57%
Total	254	100,00%

QUADRO 4: Valores Percentuais em Relação à Execução

Nota-se, pela análise do Quadro 4, que a grande maioria das finalizações foi realizada com o pé direito, representando 68,12% do total. Aquelas executadas com o pé direito totalizaram 173, ou seja, 68,12%. Já as finalizações feitas com a cabeça foram apenas 4, no caso, 1,57%. No estudo de Irokawa (2009), foram analisados os quatro jogos da fase final da Copa do Mundo de Futsal FIFA 2008. Ele caracterizou que 51,30% das finalizações ocorreram com o pé direito e 46,10% com o pé esquerdo, demonstrando possivelmente uma maior técnica dos atletas, fazendo com que houvesse uma proximidade maior quanto ao pé com que se realizou a finalização.

Forma de finalização	Nº	%
Dorso	134	53,60%
Bico	87	34,80%
Face interna	26	10,40%
Face externa	2	0,80%
Cavada	1	0,40%
Total	250	100,00%

QUADRO 5: Valores de Percentual em Relação à Forma de Execução

Quanto à forma de finalização, de acordo com o Quadro 5, percebe-se que mais do que a metade dos chutes à meta adversária ocorreram com o dorso do pé, totalizando 134, ou 53,60%. Aquelas feitas com o bico do pé foram 87 (34,80%), 26 (10,40%) com a face interna. Apenas duas delas, ou 0,80% foram com a face externa e somente uma, 0,40% cavada. Esses resultados estão de acordo com os

encontrados por Irokawa (2009), onde 56,10% das finalizações foram realizadas com o dorso do pé. No estudo de Chaves e Costa (2008) esta predominância da utilização do dorso do pé foi ainda mais expressiva, com 68,50% do total.

Número de contatos	Nº	%
Um	93	36,61%
Dois	86	33,86%
Três	32	12,60%
Mais de três	43	16,93%
Total	254	100,00%

QUADRO 6: Valores em Percentual do Número Contatos Precedentes a Ação de Finalização

Analisando o Quadro 6, pode-se perceber um equilíbrio quanto ao número de contatos precedendo a finalização. Quando esta foi feita de forma direta, ou seja, com apenas um contato, totalizou-se 93 finalizações, 36,61% do total. Aquelas realizadas com dois contatos foram 86, ou 33,86%. Uma queda expressiva foi encontrada quando as finalizações ocorreram com três contatos, com apenas 32, ou 12,60%. Finalmente, 43 chutes foram feitos com mais de três contatos, ou seja, 16,93% da amostra. Nos estudos de Irokawa (2009) e Chaves e Costa (2008) os valores encontrados para finalizações sem o domínio da bola foram ainda maiores, com 47,20% e 47,00% respectivamente, o que pode demonstrar uma variação quanto ao gênero.

Circunstância	Nº	%
Jogo organizado	134	52,76%
Contra-ataque	50	19,69%
Bola parada	55	21,65%
Goleiro linha	10	3,94%
Jogador expulso	5	1,96%
Total	254	100,00%

QUADRO 7: Valores Percentuais em Relação à Circunstância da Finalização

De acordo com o quadro 7, a maior parte das finalizações ocorreu a partir de situações de Jogo Organizado, com 52,76%, seguida de 21,65% com Bola Parada, 19,69% com contra-ataque e 3,94% com utilização do Goleiro Linha. Apenas 1,96% ocorreram a partir de situações de Jogador Expulso. Irokawa (2009) encontrou valores aproximados entre Jogo Organizado e situações de Bola Parada, com 38,00% e 36,90% respectivamente. Esta predominância do Jogo Organizado também pôde ser observada no estudo de Chaves e Costa (2008), com 34,60% da amostra.

O Quadro 8, a seguir, demonstra em quais setores da quadra ocorreram mais finalizações.

Setor	Nº	%
Setor 1	29	11,43%
Setor 2	63	24,80%
Setor 3	63	24,80%
Setor 4	47	18,50%
Setor 5	32	12,60%
Setor 6	20	7,87%
Total	254	100,00%

QUADRO 8: Valores Percentuais em Relação ao Setor de Finalização

Apesar do equilíbrio entre os setores, houve uma predominância dos setores 2 e 3, que compreendem finalizações de fora da área até a marca do tiro de 10 metros, com um total de 24,80% finalizações para cada um desses setores. 18,50% e 12,60% respectivamente para os setores 4 e 5, 11,43% para o setor 1, que são as finalizações de dentro da área adversária e apenas 7,87% para o setor 6.

Esses valores podem ser compreendidos mais facilmente analisando a Figura 11.

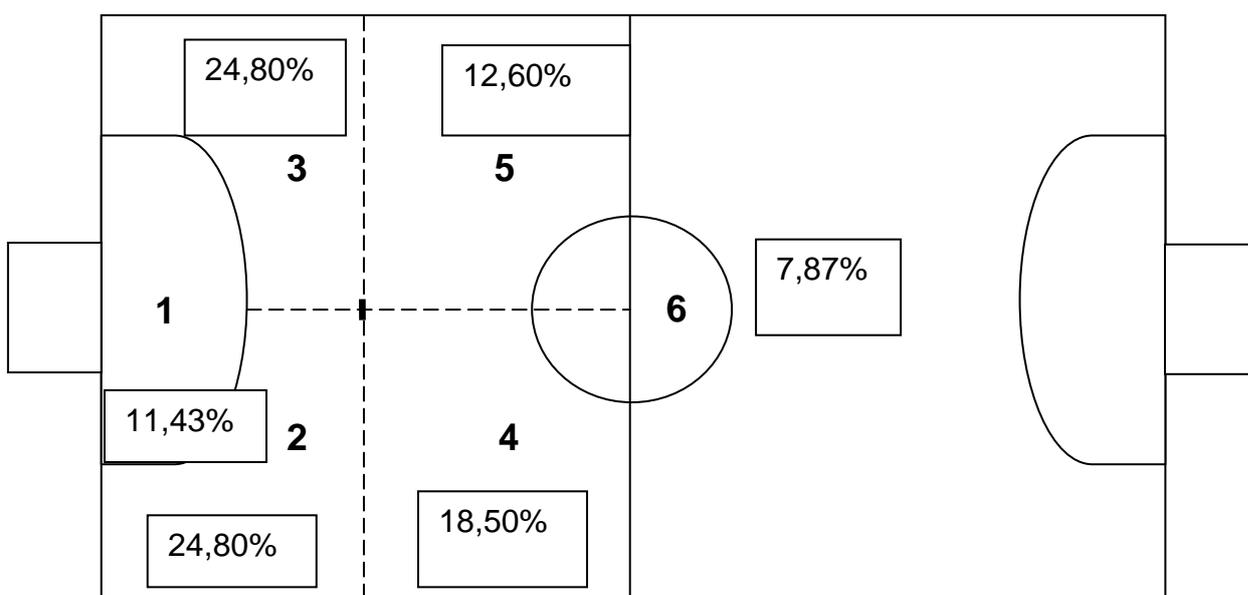


FIGURA 11: Campograma com os valores percentuais de finalização em cada setor

Resultado	Nº	%
Gol	17	6,69%
Fora Lateral	22	8,66%
Fora Alto	46	18,12%
Trave	6	2,36%
Defesa Goleiro	89	35,04%
Interceptação	74	29,13%
Total	254	100,00%

QUADRO 9: Valores Percentuais em Relação aos Resultados das Finalizações

Nota-se, observando o Quadro 9, que a efetividade das finalizações foi de 6,69%, com a marcação de 17 gols. Nesse caso, o sucesso da defesa aconteceu em 64,17% das situações, seja em casos de defesa da goleira ou interceptação do adversário. Este valor percentual diminui no estudo de Irokawa (2009), com 63,10% e diminui ainda mais em Chaves e Costa (2008), com 53,90%. Esses resultados podem ser explicados pela crescente qualificação das equipes de alto rendimento quando se trata de conceitos defensivos.

Trajectoria	Nº	%
Rasteira	105	41,34%
Meia Altura	89	35,04%
Alta	60	23,62%
Total	254	100,00%

QUADRO 10: Valores Percentuais em Relação à Trajetória da Finalização

De acordo com o Quadro 10, as finalizações mais utilizadas foram aquelas de forma rasteira, totalizando 105, o que seria 41,34% da amostra. Já aquelas com trajetória Meia Altura obtiveram um valor de 35,04% e Alta 23,62%. Em Chaves e Costa (2008) também houve predominância, pois encontraram valores ainda maiores para finalizações com trajetória rasteira, com 51% do total.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS / RECOMENDAÇÕES PARA A PRÁTICA

A partir da análise notacional dos aspectos técnicos e táticos das finalizações nas quatro partidas da última fase das Olimpíadas Escolares Brasileiras de 2010 do futsal feminino sub.17, sendo duas semi-finais, disputa de terceiro e quarto lugar e final, procurou-se caracterizar o perfil das finalizações.

Observou-se que 98,43% das finalizações foram realizadas com os pés e apenas 1,57% com a cabeça. Nenhuma outra parte do corpo foi utilizada para direcionar a bola à baliza adversária.

Em relação à forma de finalização, houve uma predominância do Dorso do Pé, com 53,60%. O Bico do Pé foi a segunda forma mais utilizada, com 34,80% do total. A terceira forma foi a Face Interna, com 10,40%. A Face Externa e a Cavada foram raramente utilizadas, com apenas 0,80% e 0,40% da amostra respectivamente.

Quanto ao número de contatos para a finalização, percebe-se uma tendência a poucos toques na bola, com 70,47% do total das finalizações sendo realizadas com no máximo dois contatos. As outras 75 ações decorreram de 3 ou mais contatos.

No que se refere à circunstância, houve uma tendência das finalizações decorrerem de situações de Jogo Organizado, com 52,76% da amostra. A segunda situação mais comum foi a Bola Parada, com 21,65%, seguida pelo Contra ataque, com 19,69% do total de ações.

Observa-se que não houve um predomínio em relação ao setor da quadra utilizado para finalizar. Porém, houve uma tendência para chutes de curta e média distância, representadas pelos setores 1, 2 e 3 da quadra, com 61,03% do total. As finalizações longas totalizaram 31,10%, representadas pelos setores 4 e 5. Aquelas ocasionadas no setor 6 percorreram uma distância maior que 20 metros, sendo apenas 7,87% da amostra.

Para o item Trajetória da Finalização não houve predomínio significativo de uma em relação à outra, sendo bem distribuídas assim entre trajetória Rasteira, Meia Altura e Alta. Apesar disso, a trajetória Rasteira obteve 41,34% das situações, seguida pela Meia altura, com 35,04% e Alta com 23,62%.

Em relação ao resultado da finalização, houve uma tendência ao sucesso da defesa sobre o ataque, com 64,17% resultando em defesa da goleira ou

interceptação da defesa. Ocorreu erro na direção da finalização em 29,14% das ações, entre aquelas que obtiveram como resultado Fora Lateral, Fora Alto e Trave. A efetividade foi de 6,69%, com 17 gols em 254 finalizações.

Sugere-se que novos estudos sejam realizados a partir deste, utilizando amostras maiores e diferentes gêneros e faixas etárias, para uma maior diferenciação e confiabilidade dos resultados.

8. REFERÊNCIAS

ANGUERA, M.T. **Observacion en deporte y conducta cinésico-motriz: aplicaciones.** Monografia (Psicologia). Barcelona: Edicions Universitat de Barcelona, v.1. 1999.

ANGUERA, M.T. **Observación en deporte y conducta cinésico-motriz: aplicaciones.** 1. ed. Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelona, 2000.

BACKES, M. **Análise das ações Técnico-Táticas ofensivas em jogos de futsal: uma comparação entre as categorias Sub-15 e Adulta.** 2007. 76f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Centro Universitário de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2007.

CID, L. **Fútbol sala experiências táticas.** Madri: Editora Gymnos, 2005.

CARLING, C.M. **Handbook os soccer match analysis.** Abringdon: Routledge, 2005.

CHAVES, B.C.; COSTA, R.S.G. **Caracterização das finalizações do jogo de futsal: um estudo sobre a categoria sub – 15.** 89f Monografia (Graduação em Educação Física) – Centro Universitário de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTSAL. Disponível em:<
<http://www.cbfs.com.br/>>. Acessado em 15 de Novembro de 2010.

FERREIRA, R.L. **Futsal e a iniciação,** 6ª edição. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

GARGANTA, J. **Analisar o jogo nos Jogos Desportivos Colectivos: Uma preocupação comum ao Treinador e ao Investigador.** Horizonte, XIV (83), 7-14, 1998.

GARGANTA, J. **A análise da performance nos jogos desportivos: revisão acerca da análise do jogo.** Revista Portuguesa de Ciências do Desporto. Vol.1 nº1, 57-64, 2001.

GRECO, P.J.; BENDA, R.N. O sistema de formação e treinamento esportivo. In: **Iniciação esportiva universal: da aprendizagem ao treinamento técnico**. 2ª edição. GRECO, P.J.; BENDA, R.N. (Orgs). Belo Horizonte: UFMG, 1998. p. 27-80.

HOPPER, T.; BELL, R. **Games classification system: teaching strategic understanding and tactical awareness**. Cahperd. 1999. p. 14-19.

HUGHES, M.D.; BARTLETT, R.M. The use of performance indicators in performance analysis. **Journal of Sports Sciences**, v. 20, p. 739-754, 2002.

HUGHES, M.D. and FRANKS, I. *Notational Analysis of Sport*. London: Taylor and Francis. 1997.

HUGHES, M.D. Notational analysis in football. In: **Science and football II**. REILLY, T.; SECHER, N. (Eds). Londres: Routledge, 1993.

KONZAG, I. Kognition im Sportspiel. Herausforderung an den Ausbildungsprozess im Nachwuchsbereich. **Leistungssport**, n.4, p.11-6, 1990.

MENDO, A.H. Observación y Deporte. In: **Observación en deporte y conducta cinésico-motriz : aplicaciones. Monografías. Psicología**. ANGUERA, M. T. (Ed). Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelona, v.2, 1999.

MORENO, J.H. **Fundamentos del deporte: Analisis de las estructuras del juego deportivo**. Barcelona: INDE Publicaciones, 1994.

MUTTI, D. **Futsal: da Iniciação ao Alto Nível**. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2003

NUNES, G. **Análise do Perfil das finalizações de ações ofensivas das equipes Juvenis de futsal do Campeonato Brasileiro de Seleções**. 59f Monografia (Graduação em Educação Física) – Centro Universitário de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2004.

PAULA, P.F.Â.; GRECO, P.J.; SOUZA, P.R.C. Tática e Processos Cognitivos Subjacentes à Tomada de Decisão nos Jogos Esportivos Coletivos. In: **Temas Atuais V: educação física e esportes**. GARCIA, E. S.; LEMOS, K. L. M.; GRECO, P. J. (Org.). Belo Horizonte: Health, 2000. cap. 1, p. 11-27.

READ, B.; EDWARDS, P. **Teaching Children to Play Games**. Leeds: White Line Publishing, 1992.

ROTH, K.D. **Tatik im Sportspiel**. Schorndorf, Hofmann, 1989.

SAAD, M.A.; COSTA, C.F. **Futsal: Movimentações defensivas e ofensivas**. Florianópolis, SC, editora visual books, exemplar 2, pp 10 – 25, 2001.

SAMPEDRO, J. **Futbol Sala Las acciones Del juego**. Madrid: Editora Gymnos: 1997.

SANTANA, C. **Futsal: Apontamentos Pedagógicos na Iniciação e na Especialização**, Campinas: Autores Associados, 2004.

SANTOS, F. **Manual de Futsal**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

SOARES, V.O.V. **Análise notacional dos momentos ofensivos finalizados de uma equipe mineira na 39 Copa São Paulo de Futebol Júnior 2008**. 2008. Monografia (Graduação em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Educacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SOUZA, P.R.C. **Validação de Teste para Avaliar a Capacidade de Tomada de Decisão e o Conhecimento Declarativo em Situações de Ataque no Futsal**. 2002. 144f. Dissertação (Mestrado em Treinamento Esportivo) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SOUZA, P.R.C.; LEITE, T.M.F. Futsal. In: **Iniciação Esportiva Universal: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube**. GRECO, P. J. (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 1998. cap. 7, p. 171-203

TAYLOR, J.B.; JAMES, N. *et al.* Notational Analysis Of Corner Kicks In English Premier League Soccer In: **Science and Football IV**. SPINKS, W., REILLY, T. *et al* (Ed.). Sydney: Routledge, 2002.

TEIXEIRA F. **Educação física: Futebol de Salão**. São Paulo: Saraiva, 1979. V. 1.

VOSER, R. **Futsal: Princípios técnicos e táticos**. 2ª edição. Canoas: Editora Ulbra, 2003.

VOSER, R. **Futsal: princípios técnicos e táticos**. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

VOSER, R. GIUSTI, J.G. **O futsal e a escola: Uma perspectiva pedagógica**. Porto Alegre, RS: Editora Artmed, 2002.